

A LEITURA NO ENSINO DO PORTUGUÊS

ALUNOS

Alcides Vicini

Anamaria Sousa Azevedo

Neusa Tânia Ávila Alves Branco

Marinês Cadore Mafaldo

Zilda Fernandes

1. Conceito de Leitura
2. A problemática do objetivo
3. A escolha do texto
4. Hábitos de Leitura
5. Motivação
6. Fases
7. Ficha de Leitura

1 — CONCEITO DE LEITURA

É a atividade de interpretação de signos gráficos de maneira a entendê-los convenientemente.

2. A PROBLEMÁTICA DO OBJETIVO

A leitura é um instrumento que permite ao homem ultrapassar os limites locais de sua cultura. Através dela, ele interroga o passado, desfaz os limites espaciais do presente e se permite lançar pontes para o futuro.

Até que ponto a leitura é um fenômeno simples? Até que ponto sua conceituação como "interpretação de signos gráficos" nos dá um objetivo claro e operacionalizável?

Que tipos de signos são esses? São signos que apenas referenciam um objeto ou que criam um novo?

Até que ponto a interpretação de ambos é a mesma?

Para os formalistas russos há uma diferença entre linguagem comunicacional e linguagem estética. A primeira seria um meio. A segunda um fim.

Um texto de literatura cria uma realidade nova, desprende-se totalmente do objeto ou mantém com ele vínculos muito frouxos. O texto estético busca deliberadamente a ambigüidade.

Já o texto comunicacional apresenta natureza oposta: prende-se ao objeto e tenta referenciá-lo com fidelidade.

Se texto comunicacional e texto literário possuem naturezas diversas, diversos deveriam ser os métodos de tratá-los.

Em nossa realidade educacional a metodologia da interpretação de textos é a mesma, tanto para a linguagem comunicacional como para a linguagem estética. Tenta-se fazer com que o aluno domine a interpretação e a expressão da linguagem comunicacional (função referencial) através do exercício em textos, na maioria das vezes, literários. Ensinamos e exigimos certas qualidades de estilo, como a clareza de expressão, quando o aluno exercita a língua escrita. Mas trabalhamos a interpretação de textos em poesias ou crônicas de Drummond, em poemas de Cecília Meireles, de Fernando Pessoa, etc.

A essência desses textos, no entanto, reside na ambigüidade. A não-clareza é, neles, a geradora toda-poderosa de um universo de sentidos.

Excertos de romances são colocados para a interpretação. São realmente adequados?

"Proliferam os escritores que procuram em seus romances, em seus contos, em suas crônicas mostrar o lado oral da expressão, sem preocupações com as formas, ditas gramaticais, não desejamos lançar o assunto à discussão dos conceitos do concreto em linguagem. Desejamos apenas observar como em nossas aulas o ensino da língua vernácula tem sofrido uma deficiência de método."*

* CLEMENTE, Elvo; Estudos sobre Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa; Porto Alegre, 1969. PUCRGS. Pg. 6.

Fizemos algumas colocações, meras sugestões de pesquisa, a partir do pressuposto de que há, realmente, uma diferença essencial entre as duas linguagens. Escrever bem não é escrever literariamente. Aquela é uma habilidade que pode ser desenvolvida em todos, através de metodologia adequada. Esta última, "escrever literariamente", é uma capacidade que pode ser "trabalhada" em alguns. A interpretação do texto obedece ao mesmo pressuposto. Todos podem desenvolver a habilidade de ler e interpretar a mensagem comunicacional. Pode se transformar em um **hábito**.

Já a linguagem estética põe-se como uma interrogação. Até que ponto "todos" podem atingir o mesmo nível interpretativo

Estabelecer os objetivos de uma leitura ou de uma expressão estaria rigorosamente condicionado à função da linguagem (referencial ou estética) predominante no texto escolhido. E condicionaria também as operações cognitivas e afetivas que o aluno realizaria, visto serem de natureza distinta.

3. A ESCOLHA DO TEXTO

Dois motivos estariam na escolha do texto: pedagógicos e ideológicos. Um professor pode selecionar seus textos para a leitura porque eles se adaptam ao desenvolvimento de certas habilidades e determinados conteúdos.

O outro tem um enfoque ideológico. São considerados "formativos" e assumem a mesma posição que o professor ou o sistema valoram.

Segundo uma pesquisa realizada em 1969, pelo Dr. Elvo Clemente, este era o motivo que impulsionava 75,7% dos professores brasileiros submetidos a questionário. Seria o caso de uma nova pesquisa atualizar esses dados para verificar se essa tendência se acentuou ou diminuiu.

4. HÁBITOS DE LEITURA

Conforme pesquisa efetuada, referente aos hábitos de leitura, poderiam ser sintetizadas as seguintes situações:

— Os dois tipos de leitura tidos como de maior consumo, pela maioria das pessoas, são os jornais e as revistas. Os menos lidos são os livros técnicos e as fotonovelas.

O jornal é mais lido pelos alunos e a revista, pelas alunas. O elemento feminino tem grande vantagem sobre o masculino no tocante aos índices de leitura.

Tanto o jornal como a revista são, via de regra, lidos em casa. Os jornais são mais lidos pelos mais idosos. A revista, ao contrário, encontra maior receptividade nas faixas mais jovens (15 a 19 anos).

— O livro recreativo parece ser mais favorecido pelas leitoras. Como aconteceu com a revista, também neste caso, os mais jovens são os que mais lêem. O número de leitoras, porém, diminuiu bastante comparado ao de jornais e revistas, havendo menor assiduidade. Os livros costumam ser lidos em casa, todavia, cerca de pequeno número de leitores utilizam bibliotecas. O processo de aquisição se distribui em partes equivalentes, entre aquisições e empréstimos.

Entre os autores nacionais, os mais lidos são Érico Veríssimo, José de Alencar e Machado de Assis; estrangeiros: Saint-Exupéry, Eça de Queiroz e Herman Hesse.

Os autores nacionais são favorecidos pelo maior índice de leitura por parte dos alunos. Livros como: o Exorcista, Iracema, O Profeta, Incidente em Antares, O Pequeno Príncipe e O Chefão são os mais lidos. Érico Veríssimo é o escritor com maior número de obras citadas.

— A escolha dos livros é baseada na opinião pessoal ou na dos amigos. A maioria dos leitores ou lêem despreocupadamente ou costumam trocar idéias — poucos fazem anotações ou utilizam fichas de leitura. Os assuntos mais lidos são: humorismo, sexo, amor e aventura. O tema mais popular para o homem é o esporte e para a mulher, o amor. Os assuntos referentes ao entretenimento são os mais procurados.

— A participação feminina é bastante acentuada nas leituras de histórias em quadrinhos. Uma pequena quantidade de pessoas lê livros didáticos, por razões óbvias.

FONTE: SEC-RS. Pesquisa sobre interesses e hábitos de leitura entre alunos de 2.º grau de Porto Alegre. P.A. 1975, p.p. 93-94.

5. MOTIVAÇÃO

Partindo desses hábitos, a motivação dada pelo professor consistirá em iniciar com leituras que sejam adequadas ao aluno, e ao mesmo tempo, coerentes com os objetivos propostos pelo curso. Após o aluno identificar leitura de aula com leitura agradável, o professor, gradativamente irá ampliando a variedade de obras e conduzindo a leitura para a aprendizagem efetiva do idioma.

FONTE: SANTOS, Livia Ferreira; A convivência com os Textos. SOARES, Magda; A Comunicação.

Parece-nos que o aspecto especial do diálogo reside na participação ativa e global do falante e do ouvinte numa espécie de revezamento de papéis: participação do indivíduo como falante e ouvinte simultaneamente, explicações suplementares, pausas, emendas na construção, perguntas esclarecedoras, entonações, gestos, retroalimentação oportuna, envolvimento de falante e ouvinte de forma mais total. Tais aspectos relevantes suprem a deficiência do diálogo, se é que assim podemos considerar o imediatismo do diálogo ou sua pouca elaboração.

2. ELEMENTOS QUE DIFICULTAM A PRÁTICA DA EXPRESSÃO ORAL

2.1. Problemas de ordem social: o distanciamento entre os membros da família, a pouca cultura, a falta de leitura, a passividade que nos impõem os meios de comunicação, desencontros provocados pela agitação dos dias de hoje, ausência de anseio de cultura, poluição sonora, outros.

2.3. Problemas de ordem educacional: a pouca preocupação das escolas (professores) em desenvolver este tipo de expressão.

A ignorância do valor formativo deste tipo de comunicação (por parte de professores — alunos — direção).

Um trabalho de expressão oral é muitas vezes mal interpretado como situação de fuga às atividades pedagógicas.

O trabalho bem dosado de comunicação oral e escrita ou é excessivo ou ausente.

Ausência de fontes informativas adequadas, trabalhos objetivos apontando soluções para o problema ensino-aprendizagem da comunicação oral.

Determinar objetivo de ensino da expressão oral (caso de aluno com graves deficiências orais ao fim do curso de graduação).

O não estabelecimento de critérios definidos para o desenvolvimento desta habilidade.

A sobrecarga de horário do professor de português que determina o não preparo de material adequado (excesso de trabalho extra-classe).

3. PROPOSIÇÕES DE SOLUÇÕES PARA A PROBLEMÁTICA DE ORDEM EDUCACIONAL

3.1. Proposições de âmbito geral

a. Conscientizar deste problema (autoridades educacionais, elementos administrativos das escolas (1.º, 2.º e 3.º grau); setores

de orientação pedagógica; professores, da desvalorização da expressão oral (escrita, leitura e interpretação de textos no ensino de português).

b. Ouvir pessoas com vivência, experiência educacional, na hora de estabelecer normas para o ensino da língua.

3.2. Proposições de âmbito mais restrito: Na escola:

a. Orientação do setor pedagógico aos professores de português visando juntar esforços, traçar diretrizes comuns, trocar idéias e experiências bem como promover encontro de professores, visando ao trabalho conjunto.

b. Formulação de objetivos claros e específicos para o desenvolvimento da Expressão Oral nas situações de ensino, e de critérios objetivos de avaliação.

Na sala de aula:

O professor poderá:

a. Já que a leitura é um dos requisitos da boa expressão tanto oral como escrita, proporcionar variadas e interessantes situações de leitura (leituras adequadas à idade, aos interesses mais imediatos; leituras desafiadoras; etc.)

b. Proporcionar sessões de debate, previamente preparadas com problemas de interesse dos alunos.

c. Realizar dramatizações que possibilitam expressão global da personalidade (gesticulação, emotividade, fala, etc...)

d. Proporcionar atividades variadas para o exercício da expressão oral: declamações, entrevistas, relatos, anedotas, números humorísticos, discursos de ocasião, comentário de situações cotidianas e ou especiais, conversa dois a dois preparando um assunto.

e. Propor objetivos específicos atingíveis e de dificuldade crescente.

f. Acompanhar e avaliar criteriosamente as atividades de desenvolvimento da expressão oral.

4. FORMULANDO OBJETIVOS

Levando em conta as funções da linguagem de representação, exteriorização psíquica e apelo (segundo Bühler) Liris Wiedemann nos propõe como objetivos do ensino de português:

1. verbalização clara e objetiva dos conceitos do mundo exterior (representação);

2. verbalização criativa do mundo interior (exteriorização psíquica);

3. atuação, através da linguagem, no grupo social (apelo); tais, parece-nos, podem ser propostos como objetivos gerais de uma educação para a expressão oral porquanto, vão ao encontro do desenvolvimento da personalidade total do educando (aspecto lógico, emotivo, social). E serviriam como norteadores à elaboração dos objetivos específicos de ensino tanto no 1.º, 2.º como no 3.º grau. deverão variar atendendo-se aos diferentes níveis, os objetivos específicos.

5. AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO ORAL

É necessário formular objetivos específicos para cada nível de aprendizagem e situação de classe. Tais objetivos deverão ser acompanhados criteriosamente e avaliados de forma objetiva. Ex.: O aluno deverá ser capaz de após debate de problema proposto pela classe, argumentar a favor de uma posição assumida.

"Preparar o aluno para o diálogo com seus semelhantes é tarefa necessária e altamente educativa." (Augustinus Staub. Letras de Hoje, n.º 16).